



Faculdade
SANT'ANA

A TEORIA EXISTENCIALISTA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE JASPERS

Caimmy Henrique Barretto Anhaia¹

Reinaldo Milek Marques²

Data de protocolo: 05/11/2021

Data de aprovação: 30/11/2021

Resumo: O presente artigo busca por meio de obras como Filosofia da Existência, Introdução ao Pensamento Filosófico e artigos, elucidar o pensamento da filosofia existencialista de Karl Jaspers. A partir desse objetivo, trataremos aqui de seus conceitos existenciais e de seus “subconceitos” se assim o podemos dizer. O texto traz de forma sucinta os pontos vitais dessa filosofia, aqueles sem os quais não poderíamos compreendê-la ou refletir sobre a mesma. Alguns conceitos e “subconceitos” que aqui serão abordados: Dasein, Existenz, Transcendência, Situação-limite, Cifras, Fracasso, Inquietação, Liberdade e Fé Filosófica. Todos interligados em busca de uma elucidação ou esclarecimento da Existência, sempre saindo de um campo objetivo para um campo mais subjetivo. A presente pesquisa possui metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico.

Palavras-chave: Jaspers. Existenz. Filosofia.

Abstract: The present article seeks, through works such as Philosophy of Existence, Introduction to Philosophical Thought, and articles, to elucidate the thought of Karl Jaspers' existentialist philosophy. Based on this objective, we will deal here with his existential concepts and his "sub-concepts", if we can say so. The text succinctly brings the vital points of this philosophy, those without which we could not understand it or reflect on it. Some concepts and "sub-concepts" that will be discussed here: Dasein, Existenz, Transcendence, Limit Situation, Cipher, Failure, Restlessness, Freedom and Philosophical Faith. All interconnected in search of an elucidation or clarification of Existence, always leaving an objective field to a more subjective one. With this text, we hope to clarify Jaspers' existential philosophy, giving a direction to those who are interested, are getting interested, or still wish to have a basis to discuss the author's philosophy.

Keywords: Jaspers. Existenz. Philosophy.

¹ Graduando em Licenciatura em Filosofia na IESSA – Faculdade Sant'Ana. Ponta Grossa – PR. caimmybarretto97@gmail.com

² Prof. Esp. Faculdade Sant'Ana. Ponta Grossa – PR. reimilek@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve grande parte de sua motivação a partir das aulas ministradas pelo Prof. Dr. Donizeti Pessi em 2019 no curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Sant'Ana com a matéria de Existencialismo. A aula apesar de possuir sua devida dificuldade fazia-se nítida na medida em que o conteúdo era debatido e trabalhado, portanto, logo compreende-se a possibilidade da existência e sua magnificência.

Durante suas aulas, o Prof. Dr. Donizeti Pessi apresenta então Karl Jaspers, filósofo existencialista que encara esse existir como uma possibilidade, há aqueles que despertam e aqueles que continuam a dormir. Nesse sentido, Jaspers (1973) nos provoca a uma grande reflexão sobre nossa vida e também os acontecimentos que a acompanham como, por exemplo, aquele ao qual estamos fadados: o fracasso.

Este artigo tem por objetivo elucidar a filosofia existencialista de Karl Jaspers, passando por todo o seu processo e analisando de forma sucinta seus detalhes e suas reflexões feitas a partir do ser enquanto ser, ou ainda, o ser enquanto existência e não mais como um objeto que era o que a Sociologia e a Antropologia vinham fazendo ao decorrer do tempo. Para Jaspers (1973), é necessário estudar o homem enquanto existência. A partir deste artigo vamos explorar esse pensador e suas hipóteses, passando pelo Dasein até a Transcendência, discutindo ao redor dessas reflexões interiores em busca de uma compreensão, uma elucidação, ou ainda, um esclarecimento da existência do ser.

Partindo deste princípio, pode-se perguntar como estudar ou ainda compreender a existência como um todo? Não seria muita ambição?

Segundo Jaspers (1973) é completamente impossível compreender, ou ainda, estudar o Absoluto, mas somos passíveis de realizar algumas leituras do Absoluto enquanto Existência. A partir de algumas obras e estudos formou-se o presente artigo em busca de uma melhor compreensão da teoria existencialista que traz Karl Jaspers.

2 CONTEXTO BIOGRÁFICO

Karl Jaspers foi um filósofo alemão nascido no século XIX, mais precisamente em 1883 na cidade de Oldemburgo. Em meio a uma família abastada, Jaspers no início de sua carreira profissional optou por seguir a mesma que seu pai, o qual era jurista. Acabou por se matricular no curso de Direito, mas já em 1902 transferiu-se para a área da saúde e medicina. Em 1909 já se encontrava graduado em medicina, começa a trabalhar no hospital psiquiátrico de Heidelberg, onde se confronta com a insatisfação dos procedimentos que eram adotados para o tratamento de doenças mentais. Sendo assim, acaba lançando uma obra denominada “Psicopatologia Geral” que mais tarde seria um clássico no diagnóstico das doenças mentais, e no mesmo ano começa a lecionar na Universidade de Heidelberg³.

Já com algumas publicações no campo da psicopatologia, Jaspers acaba por se aproximar cada vez mais da filosofia enquanto leciona na Universidade de Heidelberg. Em 1922 começa a lecionar a filosofia dentro da instituição, dez anos após lança uma de suas principais obras “Filosofia”, em que acaba por expor suas principais teses filosóficas. Já em 1937 viu-se ameaçado com o nazismo vigente e acaba se afastando, voltando no ano seguinte com a filosofia da existência – a que aqui comentaremos de forma breve e sucinta – volta a ser afastado em 1945, período que escapou por pouco dos campos de concentrações nazistas, visto que tinha união com uma judia. Por fim em 1948 acaba por se transferir a Universidade da Basileia, na Suíça, onde passa a desenvolver seus estudos e em 1969 falece em Basileia e é reconhecido como um dos fundadores do existencialismo e um dos principais filósofos contemporâneos.

Em relação a Filosofia da Existência que é proposta por Jaspers, notamos influências claras de Kierkegaard⁴ e Kant⁵. Faz-se necessário trabalhar alguns conceitos a partir disso para a melhor elucidação dessa filosofia que nos leva até a Existenz. É necessário em Jaspers (1937) a dissociação de ciência e filosofia, e, de filosofia e religião, ainda que sua filosofia acabe por herdar conceitos das duas partes. Para ele a ciência é algo que é feito a partir de questionamentos e busca

³ A Universidade de Heidelberg foi a primeira da Alemanha. Fundada em 18 de outubro de 1386 pelo príncipe eleitor Ruprecht 1º, sofreu uma reorganização em 1803 pelo duque Karl Friedrich de Baden e em 1805 assumiu o nome latino Ruperto Carola Heidelbergensis.

⁴ Soren Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês considerado precursor do existencialismo, suas principais obras são: Migalhas filosóficas (1844), Ou isso ou aquilo (1843), Temor e Tremor (1843) e O conceito de Angústia (1844).

⁵ Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão considerado fundador da “Filosofia Crítica”. Sua obra é considerada a pedra angular da filosofia moderna, sendo suas principais obras: Crítica da Razão Pura (1781), Crítica da Razão Prática (1788) e Crítica do Julgamento (1790).

respostas para os mesmos, faz-se importante nesse âmbito, porém nunca poderá ver com amplitude um todo, também vem por herdar a transcendência que a religião nos traz, porém de forma objetiva.

Filosofizar (o filosofar) é um processo de pensar como ação interna na qual o pensador chega a uma autêntica conscientização de si mesmo e da realidade, projetando-se para além ou transcendendo tudo que for objetivo. Do ponto de vista da subjetividade do pensador, a ação de filosofar pode descrever-se como a elucidação ou o esclarecimento da Existenz. (JASPERS, 1971, p. XIII)

Partindo desse pensamento que nos traz Jaspers, vamos analisar três conceitos básicos para melhor entender o autor e sua filosofia. Esses conceitos são: Dasein, Existenz e Transcendência. Saindo de uma existência objetiva em direção ao estudo e compreensão de uma existência subjetiva contemplando o ser como um todo e não apenas como um objeto do mundo. Seguindo a ideia desses conceitos veremos o ser-objeto, ser-sujeito e ser-em-si que estão totalmente relacionados com os termos apresentados acima e também com a existência e sua significação proposta por Jaspers.

2.1 Dasein

Dasein, a relação de ser-objeto ou ainda estar-aí, termo que Jaspers acaba por aproveitar do autor Heidegger⁶, porém se faz necessária aqui a distinção desse termo utilizado pelos dois autores.

“Em *Ser e Tempo*, Heidegger usa efetivamente a palavra Dasein como um termo técnico. É o nome da existência humana e definida por Heidegger segundo as suas categorias de cuidado, liberdade, historicidade, degradação e assim por diante.” (JASPERS, 1971, p. XX).

A partir deste pensar, pode-se chegar ao seguinte entendimento da filosofia existencialista e do Dasein que Jaspers nos traz: Dasein, nada mais seria que uma existência no sentido ordinário da palavra e Existenz seria efetivamente o seu termo técnico central para a existência a que procura ou se tem como ideal de certa forma.

⁶ Martin Heidegger (1889-1976), filósofo existencialista alemão, sua principal obra em questão: *Ser e Tempo* (1927). “O Dasein é o ente que, sendo, des-cobre, revela o Ser (o que e como algo é) a partir de sua condição existencial. O Dasein é o ente para o qual o Ser se mostra. Em virtude de sua compreensão do Ser, ainda que informal, vaga, o ser humano é ontológico.” (Roehe & Dutra, 2014, p. 107).

Logicamente se o Dasein corresponde ao ser-objeto, ele será o ponto de partida da existência. Jaspers costumava dizer “ser-do-mundo” quando se referia ao Dasein, já que se tratava de um ser empírico que pertence e faz parte do mundo. Sempre nos remeterá ao mundo enquanto uma visão objetificada, criando uma relação com o mundo e os objetos, a partir do ser. Perante essa relação, chega-se ao pensamento de que o Dasein é como uma parte das coisas, uma parte da realidade, uma parte da existência e sendo somente uma parte de tudo, logo nunca será completamente particular e determinado. “O dasein é o mundo como ser-aí (ou presença), é o homem na sua vida vulgar.” (PERDIGÃO, 2001, p. 541).

No Dasein, o sujeito está em um nível de vida ou existência onde consegue explicar a si a existência a partir da objetificação das coisas, a partir de um entendimento científico, porém nunca para além dele. Compreende por exemplo que vive e morre por estar ligado ao corpo, mas não ocorre a dissociação ou compreensão de uma dualidade entre a razão e o corpo, ou ainda a consciência e o corpo, criando a partir deste fato uma crise de identidade do eu enquanto ser-sujeito. Ao mesmo tempo, segundo Jaspers (1973), há também no próprio Dasein algo que nos motiva a uma potência para sair do Dasein, ou, ao menos buscar uma saída, já que essa falta de liberdade que existe nesse nível de vida, a falta de relação com o outro enquanto sujeito e existência, e todo o incômodo que essa falta de identidade nos traz, tudo isso de certa forma é um propulsor para que busquemos saltar o Dasein.

Partindo disto, chegaremos justamente na oposição que há do Dasein para com a Existência e a Liberdade. Visto que é uma relação de ser-objeto e que a liberdade e a existência acabam por se enraizar nesse nível, e que apesar da potência que o incômodo causado pela falta de identidade enquanto ser para com o mundo possa levar o ser a saltar, ainda assim seria “fácil” satisfazer-se com as explicações científicas, numa falsa sensação de amplitude, quando na verdade o que ocorre é o contrário. Para Jaspers (1937), a ciência seria como o estudo dos detalhes de um muro, que almeja ele como um todo, mas nunca conseguirá, abordando as partes, mas nunca o todo. É justamente aqui, onde o homem será balançado, ou, estará inclinado a dar o salto desde que haja um entendimento.

As características da existência empírica estão atreladas a fenômenos relacionados à espontaneidade: instinto, concupiscência, intuição e desejo são características dessa dimensão que está ligada à busca incessante pela

satisfação, duração e felicidade. Nós nos aproximamos dessa dimensão em experiências como dor, tédio, raiva e medo, ou seja, em afetos em que experimentamos de maneira imediata, instantânea, o fato de estar-aí. Neste âmbito, o homem não se difere dos animais e suas ações se originam da própria estrutura biológica. Nesse sentido, existência empírica refere-se à situação elementar: estou aí. Pode-se afirmar: o Dasein não pensa, não pergunta, não tematiza, mas vive e experimenta sem nada questionar. (BENETTI, 2011, p. 15).

Antes de falar sobre a Existenz, é necessário atentar-se a alguns modos que Jaspers traz dentro do próprio Dasein e sua forma de entendimento para com o mundo em que está inserido e faz conseqüentemente parte, o formando. O primeiro modo seria o próprio Dasein, e a partir dele surgem mais dois.

Consciência em geral seria aqui o segundo modo a ser explorado dentro do Dasein, é um modo imanente de subjetividade, já é um mundo em que o homem começa a sair da existência ordinária e passa a estar no mundo da experiência, ou seja, em um mundo representado pelas ciências.

Os conceitos e o método empregados pela consciência em geral são amplos e verificáveis e o seu conhecimento é universal e objetivo. Este nível abstrato é comum a todos os homens e não exclusivo de nenhum deles. Por isto, Jaspers afirma que a este nível os homens são primordialmente consciências e unidades intercambiáveis.” (JASPERS, 1971, p. XX)

O terceiro conceito, acaba por vir de uma influência Hegeliana que Jaspers possui, trazendo para a sua filosofia o conceito de espírito. Jaspers, falará do espírito como algo sintetizador da existência e da consciência abstrata de um modo geral.

Como a existência o espírito é concreto e universal. Como a consciência em geral, é universal. E, então, um Universal concreto a que Jaspers dá o nome de “idea”. Como os homens participam deste concreto universal, acham-se eles ligados entre si em unidades históricas. Exemplos destas unidades: a nação, uma igreja ou religião, uma tradição cultural, as organizações profissionais etc. Cada uma destas unidades é formada por uma ideia de espírito, os homens não são considerados como indivíduos, mas como membros de totalidades. Pode-se perceber o sentido do pólo objetivo deste nível refletindo-se nos “mundos” da política, da arte ou da ciência. (JASPERS, 1971, p. XXI)

Tendo em vista os modos apresentados, percebe-se que o ser já não se encontra, portanto, em uma vida tão rasa e vulgar. Quando está dentro desses dois modos de existência do Dasein encontra-se vias para saltar do mesmo, alcançando uma existência mais autêntica e universal.

3 EXISTENZ

Terão destaques duas características em especial. A primeira, é que ela é absolutamente única, ou seja, é cada ser humano sendo tomado como individual, como um ser particular, um concreto histórico, sempre em relação a gradatividade em que estiver sendo autêntico. A segunda característica a ser observada é justamente a fonte que a Existenz provém, e é um substrato de cada ser ou cada eu individual. Logo, podemos relacionar que diferentemente do Dasein, na Existenz há o princípio de liberdade, criatividade e ainda espontaneidade. Mesmo com tudo isso posto à mesa, não devemos tomá-la como individual, mas sim como universal, já que não se trata de apenas um indivíduo, mas sim de uma qualidade de vida perante a autenticidade da existência da qual fica à mercê de decisões sobre participar ou não. A Existenz é algo que ocorre espontaneamente ou criativamente dentro de algum dos modos imanentes em que o ser está inserido, ou seja, não há manifestações imediatas ou diretas desse princípio e é justamente nesse nível de existência em que o homem vai romper com os padrões estabelecidos, atingindo novos conhecimentos, novas compreensões, novos procedimentos históricos, mudando assim por completo e tendo uma ressignificação de sua existência.

Se se permanecer no Dasein, a existência ficará limitada à realização da presença (estar-aí) enquanto existência do mundo e àquilo que dessa presença se pode conhecer. Equivalerá a um estar-aí opaco cuja realização consiste simplesmente em figurar como parte do mundo e cuja característica é essa mesma opacidade que lhe advém da ausência de poder reflexivo. O Dasein está no mundo, mas não se reflecte a si próprio enquanto presença no mundo. Falta-lhe o que lhe permite estabelecer um horizonte de significação com o mundo e reconhecer-se ou re-ver-se interiormente na qualidade de outro em relação ao próprio mundo: a consciência. (PERDIGAO, 2001, p. 542)

Pode-se indagar então, como é possível saltar do Dasein para a Existenz? Para Jaspers, isso acontece no plano da consciência em geral, onde acabamos por ter um esclarecimento existencial, superando assim o Dasein. “A existência se encontra na escolha: ser ou não ser. Não sou apenas aí, não sou apenas consciente, nem somente o lugar de alguma criação. Como existência posso ser eu mesmo, atuando sobre mim mesmo.” (BENETTI, 2011, p.33). Alcançando a partir desse esclarecimento, uma autenticidade existencial, isto é, escolher a existência, encará-la, responsabilizar-se e percorrer seu caminho. Partindo deste nível a que estamos discutindo, o esclarecimento do mesmo se dá através da razão, e partir daqui o sujeito não mais identifica a existência como o mundo, mas sim como

Razão. Faz-se necessária uma relação entre os conceitos de razão que trazem Descartes⁷ e Kant, pois é a partir da relação dos conceitos de uma razão metodológica, objetiva e rigorosa e outra com uma função reguladora (a priori⁸) é que Jaspers (1973) nos falará que a partir dela que a Existência ganha seu brilho humano, caso contrário não haveria toda essa significação e reflexividade de seu interior e assim permaneceríamos eternamente em Dasein. Obviamente é uma troca, nossa razão dá sentido a Existência e a Existência dá sentido à nossa razão, pois é a partir dela que adquirimos humanidade em nossa razão. “Em conjunto, constituem e alimentam o horizonte de possibilidades e significação que garante um contexto a cada indivíduo enquanto projeto existencial concreto.” (PERDIGAO, 2001, p. 543)

Toda essa filosofia existencial, e desse nível a que está a ser discutido, necessita de uma autenticidade existencial a qual é metafísica (devido a estar no campo da razão) e é justamente através dela que o sujeito regressará a si mesmo e debruçará sobre si gerando um questionamento para si, tudo a partir da inquietação existencial e suas situações-limites que Jaspers nos trará.

O existir não é um objeto, mas aquilo de que não cessamos de partir para pensar o possível. A reflexão sobre si não é um puro olhar no espelho, mas, tomando o preceito délfico como imperativo, significa: age sobre ti mesmo para que te tornes aquele que és. Como esclarecimento da existência, a reflexão não pode se fechar sobre si mesma, crispar-se a ponto de tornar-se vontade de saber; ela precisa constantemente arriscar-se a perder o pé, rompendo com o regime da imediatidade primeira. (COLETTE, 2009, np).

A inquietação pode ser compreendida se pensarmos a partir do desejo que esse ser tem em ser ele mesmo, e de compreender a si mesmo no mais íntimo que se possa imaginar. O que conseqüentemente gera uma insatisfação em relação ao Dasein e sua estrutura fatídica. Por um lado, somos inseridos em um mundo factual, porém a existência também nos dá recursos para lermos os sinais da existência que

⁷“O método cartesiano, analítico, gradual, com início na intuição e de cadeias de razões, isto é, dedutivo (evidência, análise, síntese e enumeração) parte da dúvida hiperbólica e do fundamento do cogito como fonte do conhecimento, já que os sentidos, e tudo o mais, poderiam ser fontes de erros ou enganos.” (ZAGO, 2016, p. 148).

⁸ “O apriorismo vem de a priori e significa supor a existência de categorias de entendimento universais como por exemplo: objeto, causalidade, espaço e tempo. Estas categorias já se encontram no sujeito antes da experiência. Não é, portanto, um tipo de conhecimento que se adquire com a experiência, mas, com efeito, o sujeito as impõe à experiência para lhe ordenar dados sensoriais e, sobretudo, conceber a experiência como um meio válido para obter conhecimento.” (CAMPOS & SENA, 2020, p. 2017).

poderão nos levar até uma Verdade Existencial e quem sabe até mesmo a uma Verdade.

Devemos falar também sobre situação-limite, mas antes devemos primeiro falar sobre situação, e podemos compreendê-la de forma bem breve e sucinta a partir do que Jaspers nos traz. Para ele, situação não é algo que age a partir do exterior, não se refere aos fatos como seria perante a ciência. O simples fato da presença (Dasein) é um existir em situação. Não enquanto estar-aí, mas sim enquanto ser-aí é que irá lidar com a situação aplicando-lhe uma significação, um sentido. Então o que falta para se tornar uma situação-limite? Um salto, que por fim saltará o Dasein, mas não negará sua existência. A partir desse salto o sujeito está escolhendo a si mesmo como liberdade, pode se ver e projetar-se enquanto existência, dando assim conteúdo, profundidade, tempo e historicidade, ainda que não percebe o sujeito se escolhe enquanto liberdade passando não mais a ser um ser-do-mundo (Dasein) mas sim em um ser-no-mundo (autenticando sua existência).

A existência não é um dado de fato indiferente, mas "uma questão pessoal". O homem não é dado, não é um dado de fato; ele pode ser. Mas o que o homem pode ser? Sua escolha, afirma Jaspers, está apenas no reconhecimento e na aceitação daquela possibilidade - que é a situação em que o homem se encontra: "Eu estou em uma situação histórica e se me identifico com uma realidade e com sua tarefa imensa [...]. Posso pertencer somente a um único povo, posso ter apenas estes genitores e não outros, posso amar somente uma única mulher". Claro, eu posso trair. Todavia, se traio (tentando pertencer a outro povo, amando outra mulher, desconhecendo meus genitores), estou traindo a mim mesmo, já que sou minha situação e essa é realidade intrascendível. Posso tornar-me apenas aquilo que sou. E a única escolha autêntica está na consciência e na aceitação da situação em que se está. A liberdade não é o instrumento de alternativas, mas assemelha-se ao amor fati de Nietzsche. (REALE, 2006, p. 220).

Enquanto ser-no-mundo podemos falar sobre a comunicação existencial que Jaspers (1973) tanto fala, justamente o fato de necessitarmos do outro para podermos ser quem somos em nossa autenticidade e é através dessa comunicação que a liberdade se exercita, já que o Homem está virado tanto para o Mundo (Dasein) quanto para o Outro (Existência e Transcendência). Muda-se aqui o sentido de ser solitário que traz Kierkegaard, para Jaspers o ser solitário diz respeito apenas ao silêncio e não a solidão. Através dessa comunicação existencial, podemos falar também sobre a historicidade de Karl Jaspers nos seus estudos, a historicidade é complementada pela liberdade e pela comunicação onde tem um início absoluto e autêntico e acaba por se revelar através de sua realização e seus feitos. De forma

grosseira, é um “mix” de passado, presente e futuro em que o Dasein e a Existenz coexistem, é unidade entre o tempo e a eternidade. Ainda nos dirá Reale:

Para Jaspers, a "verdade", isto é, a transcendência, é buscada por todas as filosofias, mas jamais é posse exclusiva de um ponto de vista. Naturalmente, a verdade está ligada à existência singular e, por isso, é única: eu sou a minha verdade. Mas, se a verdade é única, ela é também múltipla, já que a existência individual existe juntamente com outras existências, cada qual com sua própria verdade. Substancialmente, a verdade alheia não é tanto uma verdade oposta à minha, e sim muito mais a verdade de outra existência que, juntamente com a minha procura aquela Única Verdade que está além de todas as verdades, é o horizonte que transcende todas elas e em direção ao qual todas se movem. (REALE, 2006, p. 220).

3.1 Liberdade

Para Jaspers, a liberdade não seria uma ideia ou idealização de algo, ela simplesmente nasce junto e faz parte da existência. “A liberdade é a expressão da vontade do Dasein e consiste em querer-se a si mesma. Não podem ou não devem ser os motivos a explicar a escolha, deve ser a escolha que explica os motivos.” (PERDIGAO, 2001, p. 548)

Nesse sentido, a liberdade e suas escolhas podem ser tomadas como um espelho do “eu” do ser enquanto existência, e seu reflexo sempre mostrará aquele novo “eu”. Aqui caberia um “Escolho, logo sou”, Jaspers coloca que o demasiado pensar seria como um pouco existir, e o pouco pensar como um muito existir.

Descobrir o ser do homem equivale, antes, a pensar o envolvente que somos. E a pensar o envolvente que somos é pensar em múltiplas maneiras: como vida empírica, como consciência em geral, como espírito e como existência. Ora, o homem vive como ser empírico no mundo, sob a orientação do mundo. Também vive como consciência pensante em geral, e, nesse caso, está dirigido aos objetos. Como espírito constrói a ideia de um todo em sua existência mundana. E como existência possível vive no plano da liberdade, das escolhas, e, com isso, no plano da transcendência (JASPERS, 1953, p. 260).

Pode-se tomar a liberdade existencial quase como um dom, já que é a vontade que faz a si mesma e de certa forma norteia a existência do ser. Para Jaspers, a certeza é algo impossível, já que vivemos meio a um emaranhado de incertezas e dúvidas.

Liberdade, decisão e consciência são de tal modo inseparáveis, na obra de Karl Jaspers, que a decisão coincide com a personalidade. Chegam a ser a mesma coisa, sem que isso corresponda à defesa ou apologia de um eu

solipsista. Pelo contrário, se pela decisão a escolha recai sobre o eu, pela escolha comunicativa a escolha do eu é sempre escolha de outrem. (JOLIVET, 1975 apud PERDIGAO, 2001, p. 549)

3.2 Cifras

Teremos as cifras como intermediárias a Existenz e a Transcendência. Jaspers considera as situações-limites como cifras da transcendência, ou seja, é a partir delas que o sujeito se dará conta do quão impotente somos para dar um sentido completo e amplo enquanto ser-no-mundo. Aqui é onde se dá início a uma perspectiva do infinito e do Absoluto.

A transcendência sempre irá por excelência transcender tudo, então podemos tomar que tudo o que há são cifras de transcendência, logo o sujeito não pode alcançar a transcendência, mas pode lê-la. Essa leitura se dá por uma ação interior, sempre muito pessoal e livre. Cada vez que acontece um desses atos, é um momento de extrema intensidade em que o sujeito opta pela liberdade, e finalmente sabe o que é e quem é. “É um salto através do qual alcança uma espécie de plenitude tão autêntica e tão pura que chega a ser dolorosa.” (PERDIGAO 2001, p. 551). A partir desse momento transcendental em que o ser se encontra, ele passa a compreender que a Existência não é um conceito ou uma condição, mas sim uma cifra para orientar-nos para além de toda a objetividade, ou seja, para a Transcendência.

Eis aí o ponto chave do pensamento jasperiano: se a transcendência é inatingível pelo conhecimento, se não é possível falar a seu respeito de forma objetiva, só nos resta perscrutar, decifrar os seus enigmas. É, pois, nessa perspectiva que Jaspers estabelece as cifras da transcendência. Tal como os enigmas, pode-se entender as cifras, de forma introdutória, como os "sinais" da transcendência que precisam ser decifrados pelo existente. (MELO, 2009, p. 33).

Existem cifras objetivas e subjetivas, as objetivas permanecem no nível de mundo do Dasein e as subjetivas no plano da Existenz. Alguns exemplos de cifras objetivas podem ser tomados como: experiência da natureza, mitos religiosos etc. Porém as que Jaspers realmente dará destaque serão as subjetivas que estão no plano da existência, comentaremos aqui especificamente sobre a cifra do fracasso (a mãe de todas as outras).

3.3 Cifra do Fracasso

Pode ser considerada mãe de todas as cifras porque dentre todas, ela é a inevitável, e as outras só se fazem verdadeiras se atravessam pela cifra do fracasso. É por meio dela que não confundimos o Dasein com o Absoluto, por exemplo, e também é ela que nos leva ou mostra o caminho da Transcendência. O fracasso é algo inevitável, visto que somos seres para a morte e o Dasein se finda da mesma forma. Junto com o fracasso, vem também a culpabilidade que temos enquanto ser humano, e é algo constante, ainda que não tomemos conta disso. Nos culpamos por querermos o impossível e não conseguirmos concretizar, por conseguirmos entender o Absoluto e não sermos infinitos enquanto vida. Se nos escolhermos enquanto Dasein fracassamos enquanto Existenz, e se escolhermos Existenz fracassamos enquanto Dasein.

Segundo Jaspers, os enigmas são os "sinais" ou "mensagens" da transcendência no mundo. Contudo, salienta que esses enigmas só se apresentam para o existente que percebe, no fracasso inerente a sua "condição humana", a possibilidade de superação. Pode-se dizer que diante do fracasso o existente ainda acredita num sentido que procura ler no próprio fracasso, como uma "mensagem cifrada". Desse fracasso, Jaspers vê, portanto, a condição de abertura para a leitura dos enigmas da transcendência. (MELO, 2009, p. 32).

Logo, Jaspers traz o termo do Naufrágio, é importante comentar que perante a filosofia existencial de Jaspers a cifra do fracasso não é tida como “noite”, ou, escuridão, mas sim como o próprio caminho à transcendência.

Contudo, antes devemos comentar sobre a fé filosófica, para elucidar essa questão das cifras do fracasso. Temos a fé filosófica como irmã da crença religiosa, mas para Jaspers, a fé filosófica é que prevalece já que a partir dela é que a partir dela onde tomamos o pensar de que o mundo não é tudo (mediante as cifras do fracasso), e acreditamos que há algo a fazer e só então cremos. A crença religiosa, ficaria como orientação do mundo ou no mundo, portanto pertence e constitui também o Dasein.

Essa fé alimenta a atividade filosófica, mas não alcança a universalidade. Ela também não é convicção desmotivada, nasce da meditação e abarca a consciência intencional, isto é, o sujeito e o objeto. Esse aspecto sugere que a fé tenha um lado subjetivo e outro objetivo. Quando se fica apenas no lado objetivo, essa fé marcha para a credulidade. Como nosso conhecimento do ser é sempre limitado, lição retirada por Jaspers em Kant, não há como justificar uma fé unicamente objetiva. Por outro lado, uma fé subjetiva também não assegura a verdade, colocando-nos a questão da

verdade para além desses dois lados. Para Jaspers, ao transcender esses lados descobre-se o englobante, que impede de reduzir a verdade à vivência ou descrição. Por isso, a fé filosófica não se reduz a uma confissão e nem a realidade objetiva. (CARVALHO, ÁVILA E QUEIROZ. 2018, p. 120)

Para Jaspers, somente pela fé filosófica se supera os fracassos (ainda que o homem esteja fadado ao fracasso), somente por meio dela se pode ler a Transcendência e dar o salto pelo qual nossa existência anseia para com sua autenticidade e sentido. Quando fracassamos, necessitamos ter fé e depois de certo modo, saltamos.

“Só uma fé pura, isenta de experiência empírica, acima do entendimento e distinta da fé teológica terá a dignidade e o poder de elevação que a Transcendência requer.” (PERDIGAO, 2001, p. 556).

3.4 Naufrágio

O Naufrágio possui essa nomeação justamente remetendo o sujeito que fica à deriva, ou seja, saímos de um plano estável, um plano concreto e estamos aqui buscando ainda que inconscientemente a transcendência, o naufrágio é o deixar-se existir. Faz-se necessária a Existência no fracasso, ainda que seja inevitável o fracasso da luta que travamos contra isto, vencermos seria de certa forma absurdo. Faz-se assim um ciclo, sempre de volta para si mesmo, lendo a transcendência e sua cifra a que estamos expostos constantemente, e que segundo Jaspers é a cifra presente mais forte em relação a Transcendência. Sempre que retornamos para nós mesmos, a cifra derradeira ainda estará lá, e quando escolhemos o Existir, então conseguimos ler a cifra transcendental, voltando a nossa consciência e de uma historicidade nova, ressignificando nosso mundo e existência.

“O fracasso supera-se no acto da escolha sempre que o sujeito opta livremente pela Existência. Na cifra das cifras, através da fé filosófica, o homem lê a Transcendência e acredita na Existência; o sujeito regressa à consciência de si e da sua historicidade livre.” (PERDIGAO, 2001, p. 553)

Percebe-se aqui uma clara influência de Nietzsche⁹ em Jaspers, por exemplo, pode-se relacionar o naufrágio ao amor fati visto que:

⁹ Friederich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo alemão que teceu fortes críticas a religião, filosofia, ciência, cultura e etc. Suas principais obras são: O Nascimento da Tragédia (1872), Humano, demasiado humano (1878), A Gaia Ciência (1882), Assim Falou Zaratustra (1883), Genealogia da Moral (1887), Ecce Homo (1908).

A minha fórmula para a grandeza do homem é amor fati: nada pretender ter de diferente, nada para a frente, nada para trás, nada por toda a eternidade. O necessário não é apenas para se suportar, menos ainda para se ocultar – todo o idealismo é mentira perante o necessário – mas para o amar... (NIETZSCHE, 1888, p. 42).

Ou Ainda:

Amor fati: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser algum dia, apenas alguém que diz sim! (NIETZSCHE, 1882, p. 276).

3.5 Transcendência

Transcendência, o ser-em-si, o ser irreduzível ao particular, porém determinado. A transcendência é algo como uma consequência da Existência, já que a Existência em si mesma apenas não basta, nos deixa à naufrágio. É tida como algo unificador, já que qualquer via que seja tomada, seja da poesia ou da filosofia por exemplo, acabarão por desembocar na Verdade, e a verdade esta que por sua vez nos guiará até a Transcendência.

Sendo essencialmente esclarecimento da existência, a filosofia deve mostrar como, em sua transcendência, a existência é lançada bruscamente, de maneira histórica e insubstituível, em situações-limite. Mesmo se o combate e a culpa derivam da liberdade, que não pode se encarnar no mundo sem violência nem ferida, é de certo modo involuntariamente que nos sobrevém a perda da inocência e da paz. A descrição das situações-limite no quadro da análise da historicidade (p.436 ss.), assim como a das relações existenciais com a transcendência (p.665 ss.), são os momentos mais sugestivos e os mais concretos da Filosofia de Jaspers. Viver as situações-limite e existir é uma única e mesma coisa (...). O limite cumpre então sua verdadeira função: ser ainda imanente e indicar já a transcendência". Enquanto a consciência é relação com a objetividade do mundo, a existência deve incondicionalmente lidar com a objetividade metafísica dita absoluta. (COLETTE, 2009, np).

Jaspers (1973) deixa claro que é impossível de se conhecer ou experimentar a Transcendência, porém crê-se, justamente a partir dessa crença é que se pode ler a transcendência, como por exemplo através da cifra do fracasso. Nesse caso, seria errôneo colocar a liberdade como transcendência, já que nessa rotulação deixariam de ser o que de fato são, passando a tomar outro sentido por assim dizer. Não

podemos tomá-la pelo meio científico, nem mesmo idealizador dos humanos, já que ela pode apenas ser esclarecida, uma vez que é a mesma quem tudo esclarece.

[...] É importante salientar que na filosofia de Jaspers, a transcendência alberga dois significados distintos, mas interdependentes. Refere-se, por um lado, ao que está além da realidade objetiva, pois "excede" os limites da experiência empírica. E, por outro, é usada para indicar o movimento de "ultrapassar", "saltar", para além dos limites que determinam a existência humana. Nessa acepção, o filósofo toma a palavra para indicar o "movimento de transcendência", que se realiza como uma "ascensão" pensante do existente para além das situações-limite. Ou usando a própria terminologia, encontra-se vinculada à operação de "ultrapassar" ou superar a si mesmo enquanto Dasein, e, dessa forma, o processo de orientação no mundo. (MELO, 2009, p. 27).

4 CONCLUSÃO

A teoria do autor Karl Jaspers foi escolhida como base para este artigo, pois possui grande relevância quando se discute sobre existência. Um exemplo atual, é que a geração que vem se formando geralmente não confronta, ou, evita os fracassos, esses que possuem grande relevância no que diz respeito ao existir e são trabalhados aqui. Impulsionando, portanto, esse ser para uma autorreflexão e consciência de si.

A filosofia existencial de Jaspers propõe atingir uma Transcendência, tal qual não pode ser tomada como científica ou religiosa, mas completamente metafísica a qual não conseguimos chegar intencionalmente, mas por acaso, pela nossa crença e pela leitura das cifras que a existência nos dá. Contudo, antes de poder lê-las, necessitamos sair do Dasein, da existência ordinária, essa existência objetiva e material, precisamos saltar para a Existenz e naufragarmos por um tanto. Tudo aqui são possibilidades que o autor trata e desenvolve todo um caminho de possibilidades que pode ser trilhado.

Uma vez que o homem está vivo e pode refletir sobre a própria existência, inicia-se a busca por um sentido para a mesma. Para Jaspers, existência é possibilidade, podendo ficar no Dasein ou saltar para a Existenz, sendo completamente livre para tal ato. "A Existenz não pode ser descrita nem mesmo de uma maneira geral como o podem os modos imanentes. Porquanto trata-se de uma possibilidade em todos os homens, pode tão somente ser aludida ou invocada." (JASPERS, 1971, p. XXI).

A diferente perspectiva que nos traz sobre o conceito de liberdade e como ela reflete diretamente a existência do ser enquanto ser, tudo isso deve ser levado em conta para a melhor compreensão da filosofia Jasperiana e de fato, algo deve-se levar para a própria existência.

Tem-se então a existência como uma possibilidade, nesse emaranhado de escolhas e consequências que vivemos. Porém, como lidar com essas questões que estão a nossa frente? Perder um filho, uma esposa, viver em uma pandemia, o que fazer com isso? Deixar que o fracasso tome conta, ou, naufragar e significar nossa existência. As cifras estão postas, portanto, parece que devemos esclarecê-las, ao menos tentar, ainda que nos momentos mais obscuros e solitários da existência.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Larissa Garrido. **O fracasso no pensamento de Karl Jaspers**. 2011. 82 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CAMPOS, J. G.; SENA, D. R. de C. Sobre as estruturas de conhecimento a priori em Kant e Piaget: um ensaio. **Revista Prática Docente**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 2016-2032, 2020. DOI: 10.23926/RPD.2526-2149.2020.v5.n3.p2016-2032.id814. Disponível em:
- CARVALHO, José Maurício.; ÀVILA, Thais Caroline Reis.; QUEIROZ, Edna Rogéria Durães. **La fe filosófica**. PIDCC, Aracaju, Ano VI, Volume 12 nº 02, p.120 a 127. 2018.
- COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009
- <http://200.129.244.167/periodicos/index.php/rpd/article/view/814>. Acesso em: 9 set. 2021.
- JASPERS, Karl. **Balance y perspectiva**. In: Mi caminho a la filosofia. Madrid: Revista de Occidente, 1953.
- JASPERS, Karl. **Filosofia da Existência**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 2011.
- MELO, Fernanda Araújo. **As cifras da transcendência na filosofia de Karl Jaspers**. Juíz de Fora: UFJF, 2009.
- NIETZSCHE, Friederich Wilhem. **A Gaia Ciência**. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friederich Wilhem. **Ecce Homo**. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- PERDIGAO, Antónia Cristina. **A Filosofia Existencial de Karl Jaspers**. Aná. Psicológica [online]. 2001, vol.19, n.4, pp.539-557.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia, 6: de Nietzsche à escola de Frankfurt**. São Paulo: Paulus, 2006.

ROEHE, M. V. & DUTRA, E. (2014). **Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. **Avances en Psicología Latinoamericana**, vol. 32(1), pp. 105-113

ZAGO, J. A. O sonho de Descartes e o despertar de Kant. **Aufklärung: revista de filosofia**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. p.145–154, 2016. DOI: 10.18012/arf.2016.28391. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/28391>. Acesso em: 9 set. 2021.